

“A TERRA NÃO É NOSSA, NÓS SOMOS DA TERRA”: perspectivas contracoloniais, localizadas e interseccionais da ciência no Espaço do Conhecimento UFMG¹

“THE LAND IS NOT OURS, WE BELONG TO THE LAND”: counter-colonial, situated, and intersectional perspectives of science at Espaço do Conhecimento UFMG

Ana Carolyn Gonçalves Barboza²
Verônica Soares da Costa³

Resumo: O artigo analisa a instalação *Mundos*, parte da exposição de longa duração *demasiado humano* do museu Espaço do Conhecimento UFMG, como um produto de comunicação pública da ciência. Baseado na contracolonialidade, nos saberes localizados e na interseccionalidade, o trabalho qualitativo e exploratório inclui pesquisa documental e aciona o instrumento para a análise de textos de divulgação científica (Ribeiro; Kawamura, 2005), nos eixos de conteúdo e forma. Os resultados evidenciam que a instalação *Mundos* trata das ciências humanas na perspectiva socioambiental e antropológica, fundamentada em matrizes contracoloniais quilombolas e indígenas, explorando contrastes entre o mundo des-envolvido e os mundos envolvidos. A análise reafirma a relevância dos museus universitários como espaços para a comunicação pública da ciência, destacando que, apesar das especificidades dos textos museológicos, científicos e de divulgação, suas interseções oferecem contribuições valiosas para o campo.

Palavras-Chave: Contracolonialidade. Saberes Localizados. Interseccionalidade. Espaço do Conhecimento UFMG.

Abstract: The article analyzes the installation *Mundos*, part of the long-term exhibition *demasiado humano* at Espaço do Conhecimento UFMG museum, as a product of public communication of science. Based on countercoloniality, situated knowledge, and intersectionality, the qualitative and exploratory study includes documentary research and operates the instrument for the analysis of science communication texts (Ribeiro; Kawamura, 2005), its content and form. The results show that *Mundos* addresses the human sciences from a socio-environmental and anthropological perspective, based on quilombola and indigenous countercolonial matrices, exploring contrasts between the uninvolved world and the involved worlds. The analysis reaffirms the relevance of university museums as spaces for public communication of science, highlighting that, despite the specificities of museological, scientific, and science communication texts, their intersections offer valuable contributions to the field.

Keywords: Counter-coloniality. Situated Knowledge. Intersectionality. Espaço do Conhecimento UFMG.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação da Ciência e Políticas Científicas. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2024.

² Ana Carolyn Gonçalves Barboza: mestrandanda do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUC Minas, bolsista da CAPES. Membro do Grupo Bertha de Pesquisa. Assistente de Comunicação no Espaço do Conhecimento UFMG, acarolynal6@gmail.com.

³ Verônica Soares da Costa: professora permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUC Minas. Líder do Grupo Bertha de Pesquisa. Doutora em Comunicação e Sociabilidade pela UFMG, veronicacosta@pucminas.br.

1. Introdução

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a **diversidade e a sustentabilidade**. Com a **participação das comunidades**, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando **experiências diversas** para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos (grifo nosso)⁴.

Conceituados como lugares de memória, que não só abrigam coleções de objetos, mas também produzem conhecimento, promovem a confluência de saberes, preservam, pesquisam e comunicam seus acervos (Carlan, 2008), os museus vêm passando por transformações em sua definição, a exemplo da citação destacada na abertura, aprovada em 24 de agosto de 2022 durante a Conferência Geral do *International Council of Museums*, realizado em Praga. Também as perspectivas relacionadas à acessibilidade e inclusão tornaram-se tão relevantes para as discussões em torno dos equipamentos museais que os termos passaram a fazer parte da definição.

Essas novas concepções acerca de coleções e acervos museais são motivadas por discussões em torno das colonialidades (Quijano, 2005; Maldonado-Torres, 2009; Cusicanqui, 2018), que provocam reflexões sobre o sistema colonial de produção de conhecimento e da própria ciência. Na mídia, reportagens reverberam questionamentos sobre acervos europeus constituídos ao longo de séculos de colonialismo, enquanto a sociedade civil, as instituições científicas e diferentes grupos sociais mobilizam-se em movimentos de repatriação de bens indevidamente levados de seus países de origem⁵. No Brasil, um marco recente foi o retorno ao país de um raríssimo exemplar de manto Tupinambá, após anos de exposição em um museu da Dinamarca⁶. Também o movimento #UbirajaraBelongstoBR, que ganhou as redes sociais *online* em 2023 (Costa; Silva, 2023), foi fundamental para a repatriação de fósseis que haviam sido ilegalmente levados do Brasil para a Alemanha.

⁴ Definição de Museu. Disponível em: https://www.icom.org.br/?page_id=2776. Acesso em: 17 fev. 2025.

⁵ “Museus europeus reabrem confrontando herança de violência e exploração colonial”, reportagem de *O Globo* publicada ainda na pandemia, em 2020, associava movimentos como o *Black Lives Matter* aos questionamentos em torno das origens coloniais de acervos de museus europeus. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/museus-europeus-reabrem-confrontando-heranca-de-violencia-exploracao-colonial-24624864>. Acesso em: 23 fev. 2025.

⁶ O objeto é considerado uma entidade sagrada para o povo Tupinambá e foi levado à Europa em 1644, onde permaneceu até julho de 2024, quando foi repatriado. Mais informações em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2024/manto-tupinamba-governo-federal-celebra-retorno-do-arte-sagrado-ao-brasil-e-reafirma-direitos-indigenas-como-uma-prioridade>. Acesso em: 17 fev. 2025.

É nesse contexto que este trabalho se insere, interessado em apresentar uma análise exploratória no âmbito da exposição de longa duração *demasiado humano*⁷ do museu universitário Espaço do Conhecimento UFMG. Inspirada pela obra *Humano, Demasiado Humano* (1848), de Friedrich Nietzsche, a mostra propõe um percurso que permite ao visitante compreender de que maneira “[...] a dúvida se instaura como o mais poderoso motor” (Leite, 2010, p. 16) da ciência. Após o projeto inaugural de 2010⁸, que recebeu intervenções nos anos de 2014 e 2017, a exposição finalizou, em 2024, a primeira etapa de um processo de renovação expositiva⁹, como resultado de uma série de atividades de revisão, atualização e desenvolvimento de novas instalações realizadas a partir da articulação com os mestres Antônio Bispo dos Santos (conhecido como Nego Bispo) e Ailton Krenak¹⁰.

Ao longo do processo de renovação, o museu assumiu para si uma posição reflexiva sobre os conceitos e objetos expostos em longo prazo, que também representam importantes elementos da missão da instituição e de sua concepção científica. O potencial de transformação da ciência, junto aos contextos histórico-sociais e culturais em que está inserida, distanciando-se de “[...] uma ciência 'fria' que não abre margens para questionamentos e/ou discussões” (Junior; Ovigli, 2022, p. 160), é o fator central desta proposta, que visa compreender, a partir de análise exploratória, a concepção contracolonial e localizada de ciência presente na instalação *Mundos* da exposição de longa duração *demasiado humano*, após o seu processo de renovação expositiva no museu universitário Espaço do Conhecimento UFMG.

A instalação *Mundos* foi escolhida para análise por ser uma das instalações inauguradas pelo projeto de renovação da exposição *demasiado humano*, diretamente inspiradas pelo pensamento dos mestres Nego Bispo e Ailton Krenak, e por propor uma experiência de contrastes entre o mundo capitalista e utilitarista que predomina e as cosmopercepções

⁷ Ao longo deste artigo, o nome da exposição segue a grafia adotada pelo Espaço do Conhecimento UFMG, em minúsculas. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/descubra/exposicoes/>. Acesso em: 22 set. 2024.

⁸ Ficha técnica por instalação da exposição *demasiado humano*. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/ficha-tecnica-por-instalacao-demasiado-humano/>. Acesso em: 18 fev. 2025.

⁹ Ficha técnica geral do Projeto de Renovação - Parte 1 (2024) da exposição *demasiado humano*. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/ficha-tecnica-geral-demasiado-humano-projeto-de-renovacao-2024/>. Acesso em: 18 fev. 2025.

¹⁰ Ailton Krenak visita o Espaço do Conhecimento UFMG. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/ilton-krenak-visita-o-espaco-do-conhecimento-ufmg/>. Acesso em: 18 fev. 2025.

afro-indígenas, em perspectiva contracolonial de resistência. O termo “contracolonial” (Santos, 2018; Santos, 2015) é aqui assinalado a partir do pensamento de Nego Bispo, que, além de ser um dos mestres da exposição *demasiado humano*, manifesta um gesto político para a confluência de saberes.

Já o termo “localizada”, embasado pelas epistemologias feministas, provém dos saberes localizados (Haraway, 2009) e visa calibrar a pesquisa na direção das subjetividades e contextos que envolvem a produção científica, problematizando a primazia da objetividade, do universalismo e da neutralidade - premissas da ciência moderna que estão profundamente enraizadas na concepção de ciência mobilizada também em museus. Este trabalho parte, ainda, do pressuposto de que a exposição, enquanto “[...] forma particular de comunicação museológica” (Cury, 2005a, p. 26), consiste em um espaço profícuo para a efetivação da experiência comunicacional, tendo em vista que transpõe ideias, conceitos e curadorias de determinada equipe em textualidades que estarão disponíveis para interação, interpretação e apropriação por parte dos visitantes (Cury, 2005a).

O trabalho está dividido nas seguintes etapas: na primeira seção, apresentamos discussões em torno de conceitos-chave que mobilizam não só as reflexões teóricas do presente artigo, como também permitem um olhar informado acerca dos movimentos de renovação da instalação em análise. São eles: a contracolonialidade, a perspectiva dos saberes localizados e as contribuições do pensamento interseccional. Na sequência, são apresentados aspectos específicos do museu Espaço do Conhecimento UFMG e as escolhas metodológicas que contribuíram para a análise da instalação *Mundos*, selecionada como lugar de observação dos conceitos previamente apresentados. A análise propriamente dita é apresentada na quarta seção do artigo, em que elementos verbo-visuais da instalação são explorados em diálogo com o referencial teórico, a fim de permitir a identificação e a discussão sobre as contribuições de outras cosmopercepções, em especial indígenas e quilombolas, para aspectos de comunicação pública da ciência que envolvem os visitantes na experiência do museu.

2. Perspectivas contracoloniais, localizadas e interseccionais na comunicação das ciências

A comunicação do conhecimento científico é uma prática que indica caminhos para a democratização da informação, a ampliação do potencial decisório e o exercício da cidadania, uma vez que expande o repertório dos atores sociais no que diz respeito aos mais diversos

âmbitos e situações do cotidiano. Dessa forma, as produções científicas podem atuar e se transformar junto com os contextos em que estão inseridas, potencializando a participação social, política e cultural.

É válido ressaltar, no entanto, que o estudo da produção de ciência também suscita conflitos, disputas, interesses e relações assimétricas de poder. Isso porque, a partir de resultados tomados como verdades absolutas, o conhecimento científico, muitas vezes, se assemelha à uma “caixa-preta” que oculta elementos e informações:

A expressão *caixa-preta* é usada em cibernetica sempre que uma máquina ou um conjunto de comandos se revela complexo demais. Em seu lugar, é desenhada uma caixinha preta, a respeito da qual não é preciso saber nada, a não ser o que nela entra e o que dela sai. [...] Ou seja, por mais controvertida que seja sua história, por mais complexo que seja seu funcionamento interno, por maior que seja a rede comercial ou acadêmica para a sua implementação, a única coisa que conta é o que se põe nela e o que dela se tira. (Latour, 2011, p. 4).

A abertura da caixa não visa criar uma desconfiança deliberada e acrítica em relação à ciência, sua eficácia, relevância e inúmeras contribuições que avançaram historicamente, ou ocasionar o questionamento inesgotável sobre o funcionamento de cada objeto que perpassa a vida habitual. Ao contrário, apesar de envolver um caminho complexo, os contextos e problematizações podem circular na sociedade, compelindo pesquisadores a “[...] apresentar seus resultados de modo lúcido, isto é, oferecendo respostas que situem tais resultados em relação a perguntas precisas” (Stengers, 2023, p. 21).

Nesse sentido, é possível considerar que existem duas faces da produção científica: a “ciência em construção”, que manifesta suas controvérsias, complexidades e processos, e a “ciência pronta” ou “ciência acabada”, que está contida na caixa-preta (Latour, 2011). Frequentemente, a “ciência pronta” pode ser encontrada em forma de produtos, patentes, vacinas e diversos outros resultados que incidem na sociedade, mesmo que seus processos e pesquisas não sejam evidenciados. Já a “ciência em construção” carece do envolvimento dos atores sociais, para além da comunidade de pares e pesquisadores, sobretudo nas organizações que lidam diretamente com o desenvolvimento acadêmico das áreas do saber. Entre essas instituições estão as universidades, que devem refletir constantemente sobre sua influência social e suas possibilidades de difundir o conhecimento e as interações com a comunidade:

A universidade, como centro de produção sistematizada de conhecimentos, necessita canalizar suas potencialidades no sentido da prestação de serviços à

comunidade, revigorando os seus programas de natureza cultural e científica e procurando irradiar junto à opinião pública a pesquisa, os debates, as discussões e os progressos que gera nas áreas de ciências, tecnologia, letras, artes etc. Isto só é possível mediante a comunicação, que viabiliza o relacionamento entre a universidade e os seus diversos públicos. Daí a importância de um sistema planejado de comunicação para difundir de forma eficiente e eficaz a sua produção científica e, com isso, abrir as suas portas a todos os segmentos da sociedade civil. (Kunsch, 1992, p. 9-10).

Para que as universidades possam promover a interlocução com a sociedade de forma efetiva, a comunicação pública em função da ciência se apresenta como uma ferramenta que incorpora “[...] preocupações sociais, políticas, econômicas e corporativas que ultrapassam os limites da ciência pura e que obrigaram as instituições de pesquisa a estender a divulgação científica além do círculo de seus pares” (Brandão, 2007, p. 4). Assim, a comunicação pública da ciência visa partilhar informações científicas, de forma confiável e contextualizada, para pessoas que não são especialistas em determinados assuntos (Castelfranchi; Fazio, 2021).

Ao circular e buscar o interesse da esfera de opinião pública, retomando Brandão (2007, p. 3), “[...] a comunicação científica se expande a partir de uma área tradicional da Ciência da Informação, a divulgação científica, à qual se somaram os conhecimentos e experiências acumulados no campo da difusão de informação”. A partir da autora (2007), entende-se, portanto, a comunicação pública da ciência como uma expansão da divulgação científica, que se organiza pelo compromisso público e se direciona pela perspectiva cidadã.

Stengers (2023, p. 16) também indica a inteligência pública da ciência, em oposição à noção de entendimento público da ciência, buscando uma relação inteligente, interessada e lúcida “[...] a ser criada não apenas com as produções científicas, mas também com os próprios cientistas”. No âmbito universitário, com o objetivo de efetivar a divulgação de forma qualificada, a ciência pode circular, entre outros, por meio de periódicos, livros, ações de ensino, pesquisa e extensão, eventos abertos à comunidade externa e museus. Segundo a definição¹¹ aprovada pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) em 2022, os museus, com a participação das comunidades, “[...] funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos”.

Considerando que “[...] é através da comunicação que o museu se faz visível à sociedade e ganha forma” (Cury, 2005b, p. 14), o ambiente museal utiliza de variadas

¹¹ Definição de Museu. Disponível em: https://www.icom.org.br/?page_id=2776. Acesso em: 17 fev. 2025.

linguagens e formatos para alcançar o público visitante, como oficinas, visitas mediadas, produção de conteúdo nas mídias sociais e, na especificidade de interesse desta pesquisa, exposições. De acordo com Bordinhão, Valente e Simão (2017, p. 8), uma exposição “[...] se baseia na escolha e na apresentação de objetos que possam sustentar uma narrativa sobre um assunto determinado”. Ao indicar que as exposições sistematizam ações de salvaguarda e comunicação, Cunha (2010) também as comprehende como um texto, a partir da articulação de seus elementos, permitindo a percepção de ênfases, metáforas e diferentes leituras, que dependem do nível de interação com o tema e os aspectos apresentados no contexto expositivo. Em relação às interações com o visitante, Cury (2005a, p. 40) enfatiza que a exposição “[...] é o local de encontro e relacionamento entre o que o museu quer apresentar e como deve apresentar visando um comportamento ativo do público e à sua síntese subjetiva”.

No contexto dos museus universitários, vinculados ao ambiente das Universidades, como o Espaço do Conhecimento UFMG, “[...] seja qual for o desenho institucional e os processos aos quais as pesquisas acadêmicas estão ligadas, o desenvolvimento científico (investigação, debate, formação, difusão) é um dos pilares institucionais e está presente em praticamente todas as etapas do ciclo curatorial” (Silva, 2021, p. 22). Em se tratando de importantes locais para a transformação de saberes, Marandino (2005, p. 162-163) também destaca que “[...] entender as diferentes formas de produção de conhecimento que ocorrem nos espaços de museus contribui para a construção do novo campo da divulgação científica e da educação nesses locais, inseridas num amplo movimento social e cultural”. A transposição de conhecimento que ocorre no âmbito expositivo de um museu, então, envolve processos para tornar as informações acessíveis aos visitantes, ao mesmo tempo em que proporciona momentos de lazer e contemplação, e aspectos institucionais particulares do espaço museal em questão (Marandino, 2005).

Assim, envolver as pesquisas e produções acadêmicas nos processos museais, juntamente com a divulgação da ciência, contribui para que as exposições em museus universitários manifestem possibilidades de elucidar a caixa-preta e refletir sobre os diversos estereótipos e vieses que acompanham os modos de fazer e divulgar o conhecimento científico, “[...] uma vez que operam a partir de seus resultados, raramente, a partir de seus sistemas internos” (Costa, 2019, p. 48).

De acordo com Bauer, Gaskell e Allum (2008, p. 33), “[...] é através de um processo auto-reflexivo que as ciências críticas podem chegar a identificar estruturas condicionadoras

de poder que, acriticamente, se mostram como ‘naturais’”. Nesse sentido, a construção do saber científico carrega uma herança histórica de um contexto no qual “[...] o sujeito do conhecimento não era apenas homem, mas homem branco europeu e de elite” (Gomes; Casarin; Duarte, 2019 p. 54). Segundo Haraway (2009, p. 16), o empreendimento da ciência, sobretudo no progresso almejado pela modernidade, esteve vinculado ao reducionismo, na medida em que uma linguagem universalizante é “[...] imposta como o parâmetro para todas as traduções e conversões”.

Ao problematizar tal objetividade científica descorporificada (Haraway, 2009), as epistemologias feministas críticas passam a trabalhar com os saberes localizados, que se valem de subjetividades, experiências e perspectivas parciais para privilegiar a responsabilidade pelo conhecimento produzido e a possibilidade de contestação, em detrimento do universalismo e da cisão completa entre sujeito e objeto. Desse modo, os saberes localizados se apresentam como uma alternativa à totalização e ao relativismo do conhecimento, na medida em que incluem capacidades parciais para a “[...] construção de mundos menos organizados por eixos de dominação” (Haraway, 2009, p. 24).

A prevalência do universalismo também foi confrontada no âmbito das instituições de direitos humanos pela perspectiva interseccional, como uma forma de apontar os efeitos interativos de discriminações e as injustiças geradas pela homogeneização de experiências (Crenshaw, 2002). A interseccionalidade está profundamente ligada aos movimentos feministas negros, que já demonstravam a articulação entre categorias de raça, classe e gênero e evidenciavam que “[...] as necessidades das mulheres de cor não podem ser atendidas por um pensamento mono-categórico” (Collins, 2017, p. 11). Assim, é possível identificar estruturas de dominação, que se baseiam em matrizes de opressão, sustentadas pelo viés branco, europeu, cristão e patriarcal que “[...] viria a ser não só o referencial das classificações triádicas do evolucionismo positivista das nascentes ciências do homem como ainda hoje direciona o olhar da produção acadêmica ocidental” (Gonzalez, 2020, p. 117).

Ao ponderar que a interseccionalidade “[...] levanta questões importantes sobre a relevância do conhecimento para a luta por liberdade e iniciativas de justiça social” (Collins, 2017, p. 7) e que o museu é uma instituição “[...] capaz de dissimular suas formas de exploração sob o véu do universal” (Vergès, 2023, p. 13), é possível levantar questionamentos sobre a concepção de ciência difundida pelos espaços museais, os grupos

que produzem o conhecimento científico exposto e as marcas colonialistas deixadas pela produção de saberes em diferentes instituições.

A colonialidade envolve mecanismos de dominação, que partem, reforçam e reproduzem ações de exploração e opressão (Ballestrin, 2013). Mesmo após a independência dos países colonizados, tais mecanismos ainda permanecem, sobretudo nas relações da colonialidade do poder, engendradas na perspectiva de que “[...] os povos colonizados eram raças inferiores e – portanto – anteriores aos europeus. [...] a modernidade e a racionalidade foram imaginadas como experiências e produtos exclusivamente europeus” (Quijano, 2005, p. 122). A colonialidade do poder, então, se expande para o controle de outras estruturas sociais, a partir do pensamento eurocêntrico e voltado para a modernidade ocidental.

O pensamento moderno ocidental se baseia em um sistema de distinções – visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. A realidade social estaria dividida entre dois universos: “deste lado da linha” e “do outro lado da linha”. Ou seja, tudo o que está do outro lado da linha, fora do centro da modernidade ocidental, seria desconsiderado. (Cassino, 2021, p. 30).

Por meio de tal divisão - “o outro lado” e “este lado” -, o colonialismo se sustentava em uma premissa de que havia determinados grupos, sobretudo os colonizadores europeus, que precisavam “iluminar” outros povos considerados inferiores. Segundo Krenak (2019, p. 11) “[...] esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história”.

Ao se posicionar como um tradutor, ao invés de um pensador, Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo) também trata da colonização e do que chama de contracolonização, como parte de uma busca para a confluência entre saberes:

Colonizar é subjugar, humilhar, destruir ou escravizar trajetórias de um povo que tem uma matriz cultural, uma matriz original diferente da sua. E o que é contracolonizar? É reeditar as nossas trajetórias a partir das nossas matrizes. [...] No dia em que as universidades aprenderem que elas não sabem, no dia em que as universidades toparem aprender as línguas indígenas – em vez de ensinar –, no dia em que as universidades toparem aprender a arquitetura indígena e toparem aprender para que servem as plantas da caatinga, no dia em que eles se dispuserem a aprender conosco como aprendemos um dia com eles, aí teremos uma confluência. Uma confluência entre os saberes. Um processo de equilíbrio entre as civilizações diversas desse lugar. Uma contracolonização. (Santos, 2018, p. 51).

A partir de saberes localizados em diferentes tradições, ancestralidades e cosmopercepções, a produção científica acadêmica pode ampliar tentativas para se afastar do

universalismo e da colonialidade. No caso dos museus, é necessário buscar uma comunicação que reflita sobre a continuidade de processos e narrativas museais, nas quais determinadas matrizes “[...] ainda estejam marginalizadas, exotizadas, quando não silenciadas, e, por vezes, até mesmo apagadas” (Santos; Moura, 2023, p. 5). Uma exposição em um museu universitário, portanto, se configura como um importante espaço para que a comunicação pública da ciência possa emergir, aliada a outros modos de fazer e pensar a produção e a circulação do conhecimento científico.

Assim, o estudo acerca da instalação *Mundos* da exposição *demasiado humano* no Espaço do Conhecimento UFMG propõe um movimento em direção à abertura da caixa-preta, que possa desvelar a concepção de ciência exposta no museu, não pela entrada mais grandiosa da “ciência acabada” (Latour, 2011), mas pela complexa e repleta de possibilidades “ciência em construção”, dialogando com comunidades e povos que, historicamente e, muitas vezes literalmente, eram tomados como objetos incivilizados e irracionais a serem transportados para longe de seus territórios de origem. No gesto de renovação da proposta museal de *demasiado humano*, portanto, questionam-se os saberes coloniais a partir dos saberes ancestrais, com outros modos de ser e saber o mundo.

3. Métodos e procedimentos

Inaugurado em 2010, o Espaço do Conhecimento, “[...] é um museu de divulgação científico-cultural” (Santos *et al*, 2023, p. 391) vinculado à Pró-reitoria de Cultura (Procult) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e fruto de uma parceria entre o governo do Estado de Minas Gerais e a Universidade. Conta com uma fachada externa de projeção digital (chamada de Fachada Digital), um espaço para exposições de curta duração (no segundo andar), um Terraço Astronômico e um Planetário (no quinto andar)¹². Já o terceiro, quarto e uma área do quinto andar comportam a exposição *demasiado humano*, que instiga os visitantes a desvelarem o que caracteriza a construção de um saber considerado “demasiado humano”. Ao tratar da origem e da evolução da vida, a exposição evidencia a busca pelo conhecimento (Leite, 2010), que impulsiona inúmeras criações, instrumentos e benefícios para a existência na Terra.

A partir desse contexto, o presente trabalho busca desenvolver reflexões sobre uma exposição museal (Cury, 2005a; Cury, 2005b; Marandino, 2005; Vergès, 2023) como forma

¹² Informações disponíveis no site do Espaço do Conhecimento (<https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento>). Acesso em: 22 set. 2024.

de comunicação pública da ciência (Brandão, 2007; Castelfranchi e Fazio, 2021), por meio de análise exploratória (Gil, 2008) da instalação *Mundos*, presente no eixo *Modos de Existir* da exposição *demasiado humano*, no Espaço do Conhecimento UFMG.

Logo, o percurso metodológico empreendido conta com pesquisa bibliográfica, fundamentada na contribuição de autores, a partir de material já elaborado, como livros e artigos científicos (Gil, 2008). Propõe-se uma abordagem qualitativa para apresentar a instalação *Mundos*, que será analisada mediante pesquisa documental de “[...] materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (Gil, 2008, p. 51), utilizando fotografias, textos que compõem a instalação e o catálogo da exposição.

Ao considerar a exposição “[...] como um texto, com uma infinidade de interfaces que se estabelecem e se relacionam permitindo diversas “leituras” do seu conteúdo” (Cunha, 2010, p. 110), nos guiamos por categorias do instrumento para a análise de textos de divulgação científica (Ribeiro; Kawamura, 2005), que irão viabilizar a interpretação dos dados, nos eixos de conteúdo e forma. Ainda que operacionalize a análise de publicações de divulgação científica e sua aplicação educacional, o instrumento metodológico apresentado por Ribeiro e Kawamura (2005) desencadeia possibilidades para o estudo de diferentes materiais que reverberam as ciências.

Para compreender a concepção contracolonial e localizada de ciência presente na instalação *Mundos* da exposição *demasiado humano*, a análise exploratória toma como base as seguintes categorias do instrumento de Ribeiro e Kawamura (2005): 1) conteúdo - temática (o tema do texto e seus enfoques); 2) conteúdo - abordagens e contexto (como o tema é contextualizado em dimensões sociais, políticas ou econômicas); 3) forma - linguagens (utilização de conceitos, metáforas, analogias, etc.); 4) forma - recursos visuais e textuais (disposição espacial das informações). Tais categorias serão direcionadas pelo aporte teórico-metodológico da contracolonialidade (Santos, 2018; Santos, 2015), dos saberes localizados (Haraway, 2009) e da interseccionalidade (Crenshaw, 2002; Collins, 2017; Gonzalez, 2020), em uma perspectiva que visa investigar a instalação de uma exposição museal, enquanto texto de divulgação científica, a partir de um museu universitário que suscita compromisso público com a democratização do acesso à ciência e à cultura.

Busca-se, portanto, no âmbito deste trabalho, um movimento que possa atenuar “[...] a dissociação entre as perspectivas teóricas e metodológicas empregadas na área” (Martino; Marques, 2018, p. 231) e evidenciar a conexão entre teoria, empiria e método.

4. Análise

“A terra não é nossa. Nós somos da terra”. Essa frase, proveniente do pensamento de Nego Bispo, se localiza no centro da instalação *Mundos*, presente no eixo *Modos de Existir* da exposição de longa duração *demasiado humano*, no Espaço do Conhecimento UFMG. Estampada em tecidos que formam uma cortina (Figura 1), a frase manifesta as matrizes contracoloniais que inspiraram a instalação. Localizada no terceiro andar do museu, *Mundos* faz parte da primeira etapa do projeto de renovação da exposição e foi desenvolvida a partir da curadoria de Deborah de Magalhães Lima e Karenina Vieira Andrade, e do pensamento de Nego Bispo e Ailton Krenak. O catálogo de *demasiado humano* elucida a integração entre a equipe do museu, Bispo e Krenak, diante da necessidade de retomar uma discussão, que carecia na exposição, sobre a sustentabilidade e o cuidado com o planeta:

A urgência do tema e a escassez de respostas eficientes por parte do “nossa mundo” fizeram com que convidássemos dois pensadores contemporâneos reconhecidos por sua imersão nessa discussão: o indígena Ailton Krenak e o quilombola Antônio Bispo dos Santos, o Nego Bispo (que nos deixou em 2023). Chamados a serem nossos “mestres” nesse processo, ambos se reuniram com a equipe do Espaço do Conhecimento e fizeram ricas e potentes falas sobre o papel dos museus, da ciência e do conhecimento na contemporaneidade. Ainda, deixaram claro como os “Modos de Existir” de seus povos podem conceder respostas a muitas das questões que afigem nossa “humanidade” em crise. Esses encontros reviraram nossos corações e nossas mentes, e nos deram fôlego e gás para pensarmos novas instalações para o terceiro andar do museu. (Diniz; Mantovani, 2024, p. 8-9).

Figura 1 – Frase “A terra não é nossa, nós somos da terra”, na instalação *Mundos*



Fonte: Imagem das autoras, 2025

Após adentrar a cortina que antecede a instalação (Figura 1), o visitante é cercado por um painel e três pilares amarelos (Figura 2) que preenchem o espaço físico, e se depara com diferentes mundos: à direita, o mundo des-envolvido e, à esquerda, os mundos envolvidos.

Figura 2 – Visão lateral da estrutura da instalação *Mundos*



Fonte: Imagem das autoras, 2025

Há muitas maneiras de viver e existir. Essa pluralidade está relacionada à constituição de mundos tão separados a ponto de divergirem sobre o que é ou não é real.

Uma divisão importante separa dois grandes referenciais: o modo de existir que se define como universal e como único mundo possível, e um conjunto pluriversal de modos de existir, que reconhece a multiplicidade de mundos.

Nego Bispo resumiu essas ideias ao chamar o mundo ocidental eurocêntrico de des-envolvido, em contraste com os mundos envolvidos dos povos indígenas, quilombolas e tradicionais.

A condição de envolvimento se refere a modos de existir que respeitam e interagem com os outros entes de seus mundos, visíveis e invisíveis, com outras pessoas, espíritos, animais, plantas, rios, montanhas, mares... que compõem o cosmos.

A condição des-envolvida é a que se separa, se imagina e se comporta de forma superior no cosmos. A esse atributo Nego Bispo chama de “cosmofobia”.¹³

O texto acima, que introduz a instalação, destaca a multiplicidade de modos de vida que culminam em mundos diversos. O trecho introdutório menciona o trabalho de Nego Bispo, mas não contextualiza suas obras ou sua trajetória de vida. A mensagem, em uma análise isolada da instalação, pressupõe que o visitante já tenha passado por outros ambientes da exposição¹⁴ ou que tenha um conhecimento prévio do pensamento de Bispo, a partir de suas obras ou de materiais complementares da renovação de *demasiado humano*, como o catálogo. Por meio de parágrafos curtos, o texto levanta conceituações mais objetivas e faz uso de uma comunicação verbal que visa destacar as informações principais, sintetizando os mundos abordados e a perspectiva de des-envolvimento e envolvimento.

Em relação à temática, notamos que a instalação evoca as ciências humanas, sobretudo em uma perspectiva interdisciplinar, a partir de discussões socioambientais e antropológicas. Baseada em contrastes, a instalação permite inferir que as distâncias entre o mundo des-envolvido e os mundos envolvidos se assemelham às disparidades entre a colonização e a contracolonização.

Vamos compreender por colonização todos os processos etnocêntricos de invasão, expropriação, etnocídio, subjugação e até de substituição de uma cultura pela outra, independentemente do território físico geográfico em que essa cultura se encontra. E vamos compreender por contra colonização todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios. (Santos, 2015, p. 47-48).

¹³ Texto plotado na instalação *Mundos* da exposição *demasiado humano*, no Espaço do Conhecimento UFMG.

¹⁴ O terceiro andar do museu não apresenta um percurso definido ou uma ordem para a visitação das instalações.

Juntamente com o texto introdutório, o pilar central de *Mundos* abriga dois vídeos (Figuras 3 e 4) que agregam as reflexões por meio de recursos audiovisuais. A instalação incorpora um vídeo-animação sobre o Projeto Socioambiental Hämhi Terra Viva¹⁵, que visa formar agentes agroflorestais e contribuir para o reflorestamento e a recuperação ambiental. Já o outro vídeo se trata de uma produção autoral, realizada pela equipe do museu e intitulada “Cores do clima: o nosso limite nas mudanças climáticas”. A linguagem do vídeo dialoga diretamente com o visitante, utilizando perguntas como “O que é aquecimento global?” e “O que são eventos extremos?”, e retrata o fenômeno das mudanças climáticas de forma visual, a partir da imagem de um picolé: quando cores de tons mais frios aparecem na tela, o picolé permanece sólido, mas quando o espectro de cores se torna mais quente, o picolé derrete.

Os vídeos, portanto, também contrastam entre si, demonstrando a degradação ambiental causada pelo mundo des-envolvido e os esforços dos mundos envolvidos para preservar a natureza e a sua relação com os seres que compõem o cosmos.

Figuras 3 e 4 – À esquerda, o vídeo Hämhi Terra Viva. À direita, o vídeo “Cores do clima”



Fonte: Imagem das autoras, 2025

O mundo des-envolvido é definido no singular por estar relacionado a uma perspectiva universalizante, proveniente de modos de vida baseados no capitalismo, nas relações de colonialidades e na cosmófobia - em diálogo, portanto, com a crítica de Haraway (2009) à objetividade da ciência. A grafia com hífen (“des-envolvido”, ao invés de

¹⁵ Mais informações: <https://www.hamhi.org/o-projeto>. Acesso em: 18 fev. 2025.

desenvolvido) busca evidenciar não o desenvolvimento econômico ou tecnológico que marca a sociedade contemporânea, mas o “(des)envolvimento” com o cosmos e o afastamento entre o ser humano e os demais seres vivos que coexistem no planeta.

Mundo des-envolvido

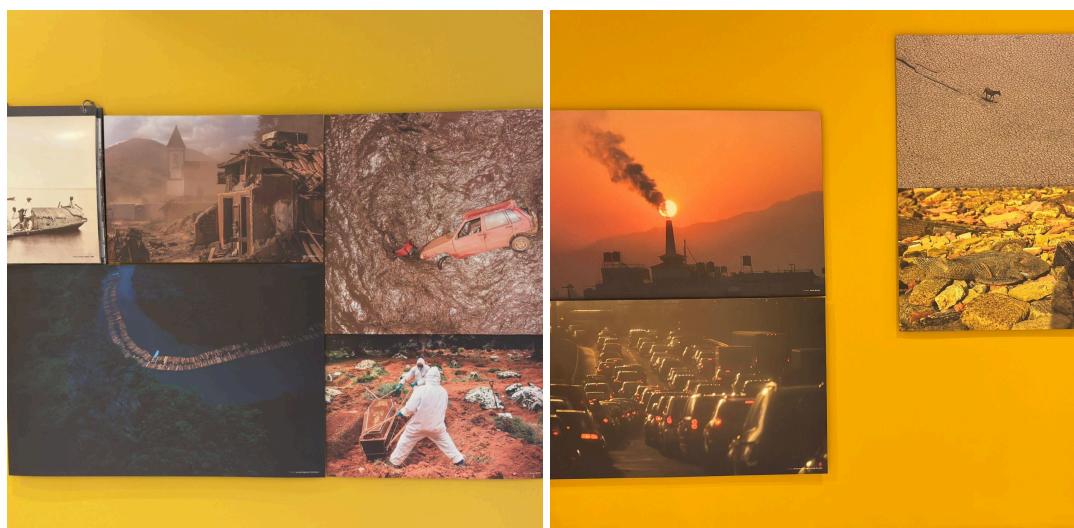
Predominando, temos o mundo pautado pelo consumo, pela primazia do mercado e do “ter”. Nele, são atribuídos ao “humano” uma posição soberana em relação aos demais seres e o controle sobre o planeta. A esse modo de existir é reconhecida a responsabilidade pela perda da biodiversidade, pela precarização das condições de vida e pelas mudanças climáticas.¹⁶

Dessa forma, a cisão e a falta de conexão entre as pessoas e o meio ambiente também pode ser considerada um aparato da colonialidade que permeia os âmbitos sociais e que “[...] suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo” (Krenak, 2019, p. 22-23). Quanto à dimensão contextual, o mundo des-envolvido é engendrado por uma lógica na qual “[...] todas as experiências, histórias, recursos e produtos culturais terminaram também articulados numa só ordem cultural global em torno da hegemonia européia ou ocidental” (Quijano, 2005, p. 121).

Entre os recursos visuais da instalação, o ambiente do mundo des-envolvido (Figuras 5 e 6) conta com imagens que retratam a degradação e a poluição ambiental, bem como as lutas pela preservação de terras e direitos das comunidades tradicionais, acionando dimensões econômicas e políticas da territorialidade. O conjunto de fotografias reflete uma realidade tomada pela destruição, perda e injustiça, frente a um mundo no qual o ser humano se coloca em posição de superioridade.

¹⁶ Texto plotado na instalação *Mundos* da exposição *demasiado humano*, no Espaço do Conhecimento UFMG.

Figuras 5 e 6 – Mundo des-envolvido, na instalação *Mundos*



Fonte: Imagem das autoras, 2025

Os mundos envolvidos são tratados no plural por se basearem em uma perspectiva integrativa, coletiva e diversa dos povos originários e quilombolas. A condição de envolvimento, como demarca Nego Bispo, pressupõe conexões cosmológicas que entrelaçam os seres à terra e ao planeta.

Mundos envolvidos

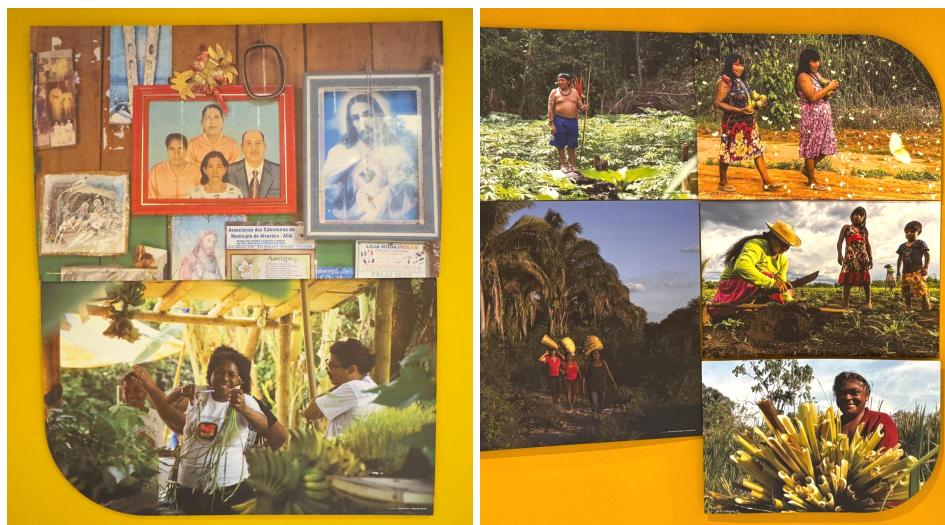
Resistindo, temos os mundos dos povos tradicionais, de economias inseparáveis da socialidade de suas vidas, pautadas pela primazia do bem-viver e do “ser”. Neles, a existência dos seres não está desconectada do cosmos e as pessoas humanas se ligam de múltiplas maneiras às formas de vida não humanas. A esses povos é reconhecida a contribuição na produção de biodiversidade, no cuidado nas relações com as pessoas e com a Terra, e na manutenção das florestas.¹⁷

Marcados pela oralidade, ancestralidade e respeito pela natureza, os mundos envolvidos são retratados pela instalação com fotografias (Figuras 7 e 8) que criam uma constelação imagética de afetos, tradições e manifestações culturais. Em meio a violências, expropriações e opressões estruturadas historicamente por relações intersubjetivas de dominação (Quijano, 2005), os recursos visuais da instalação evidenciam as resistências afro-indígenas e os modos particulares pelos quais cada povo expressa conhecimentos e modos de vida sustentáveis. As imagens também acionam marcações de raça, território e gênero - dimensões interseccionais (Crenshaw, 2002; Collins, 2017; Gonzalez, 2020) que

¹⁷ Texto plotado na instalação *Mundos* da exposição *demasiado humano*, no Espaço do Conhecimento UFMG.

podem ser apreendidas a partir de cenas cotidianas em comunidades tradicionais quilombolas e indígenas.

Figuras 7 e 8 – Mundos envolvidos, na instalação *Mundos*



Fonte: Imagens das autoras, 2025

Outro contraste apresentado pela instalação é a própria perspectiva de tempo que guia a existência dos seres. Para o mundo des-envolvido, a vida é composta por começo, meio e fim (Figura 9). No entanto, para os mundos envolvidos, a vida circula em começo, meio e começo (Figura 10). Em relação ao espaço físico, até mesmo os painéis que compõem a instalação se tornam mais retos no ambiente des-envolvido e mais circulares no ambiente envolvido. Em diálogo com ambas as perspectivas e também com concepções não-lineares do tempo está a proposta de Leda Maria Martins (2021) que defende o tempo enquanto ontologia, vinculada ao corpo-tela que performa sua existência.

Ao contrário da noção de tempo como a flecha do progresso e das perspectivas colonizadoras ocidentais, marcada pela vinculação com a palavra escrita, a forma circular da instalação envolve o visitante em outras possibilidades de pensar o tempo e, consequentemente, outras maneiras de vivê-lo. Segundo as curadoras da instalação, “[...] enquanto a circularidade corresponde aos processos cílicos da vida na biosfera, a linearidade aponta, ironicamente, para o seu fim. Sonhar a Terra, segurar o céu e adiar o fim do mundo são realidades para uns, inspirações para outros” (Lima; Andrade, 2024, p. 28). Também Martins (2021, p. 88) defende que “[...] o tempo, em sua dinâmica espiralada, só pode ser

concebido pelo espaço ou na espacialidade do hiato que o corpo em voltejos ocupa. Tempo e espaço tornam-se, pois, imagens mutuamente espelhadas”.

Figuras 9 e 10 – À esquerda, começo-meio-fim. À direita, começo-meio-começo



Fonte: Imagens das autoras, 2025

A instalação demanda uma posição contemplativa dos visitantes e não constrói possibilidades imediatas de interação, para além de álbuns de imagens afixados nas paredes que podem ser abertos e visualizados, mas ocupa o espaço físico com fotografias em diferentes tamanhos, textos plotados, vídeos e a cortina que representa uma forma de entrada e saída da instalação. A linguagem utilizada pela instalação é objetiva, com textos que utilizam parágrafos e frases curtas, formal (sem uso de analogias lúdicas ou metáforas) e, majoritariamente, em terceira pessoa. Os enunciados se concentram no contraste entre des-envolvimento e envolvimento, de forma mais reflexiva e interrogativa do que explicativa - no que tange conceitos como cosmos, biodiversidade e eurocentrismo. Enquanto texto de divulgação científica, a instalação se coloca diante do desafio de “[...] comunicar mundos que se organizam por base filosóficas e ontológicas distintas: de um lado, as ciências e tecnologias ocidentais” (Alves-Brito; Pinheiro; Almeida, 2024, p. 49) e, do outro lado, as cosmopercepções, ciências e tecnologias afro-indígenas.

Quanto ao contexto, *Mundos* localiza o conhecimento produzido pelas ciências humanas em um momento contemporâneo marcado por crises sociais, ambientais, econômicas e políticas, derivadas de uma lógica centrada no capitalismo, no consumo e no

utilitarismo. Sob a lente interseccional, compreendemos que a instalação trata, sobretudo, de dimensões de território e raça, em uma perspectiva contracolonial demarcada pelo pensamento de comunidades quilombolas e indígenas. A instalação, portanto, é guiada por disparidades e antíteses que separam o mundo predominante, que se desenvolve e des-envolve, e os mundos que, envolvidos com o cosmos, buscam afirmar suas existências e resistências, provocando o visitante a refletir não só sobre as expectativas em relação ao espaço-tempo e aos conteúdos do museu, mas também sobre as próprias percepções e certezas acerca do mundo que habita.

4. Considerações finais

O presente artigo propôs uma análise exploratória sobre a concepção científica, contracolonial e localizada da instalação *Mundos*, que integra a exposição de longa duração *demasiado humano* no museu universitário Espaço do Conhecimento UFMG. Após a primeira etapa do projeto de renovação da exposição, as novas instalações, incluindo *Mundos*, “[...] convidam a rediscutir os processos e as vivências humanas na Terra, bem como a repensar o próprio conceito de “humano” e sua centralidade em nossos modos de reconhecer e de conviver” (Diniz; Mantovani, 2024, p. 9). Nesse sentido, a análise permitiu compreender que a instalação trata das ciências humanas em uma abordagem socioambiental e antropológica, baseada em matrizes contracoloniais quilombolas e indígenas. *Mundos* comunica sua concepção científica localizada por meio de recursos verbais e não verbais que se guiam pelos contrastes entre o mundo des-envolvido e os mundos envolvidos.

A partir do referencial teórico e do instrumento metodológico de Ribeiro e Kawamura (2005), buscamos abordar a instalação como uma forma de divulgação científica e o museu universitário como um espaço profícuo para a comunicação pública da ciência. Ressaltamos que “[...] os textos de museus nunca são exatamente iguais aos textos científicos ou aos textos de divulgação e esse fato deve-se principalmente ao suporte onde este é apresentado e a forma de interação que o visitante/leitor estabelece com ele” (Marandino, 2001, p. 258). No entanto, consideramos que as aproximações entre exposições museais e divulgação científica têm muito a contribuir para pesquisas relacionadas aos temas, se atendo às particularidades de tempo, espaço, objetos, contextos, missão e relação com o público, que fazem parte da cultura de cada museu (Marandino, 2001).

Após o gesto de renovação expositiva, no âmbito da exposição *demasiado humano*, a instalação *Mundos* se torna uma semente para germinar possibilidades “[...] de conexões e aberturas inesperadas que o conhecimento situado oferece” (Haraway, 2009 p. 33), e de uma concepção científica contracolonial, localizada em saberes afro-indígenas, que possa reverberar, no espaço de um museu universitário, discussões sobre as colonialidades nas ciências e no contexto contemporâneo.

Agradecimentos

Agradecemos o apoio institucional da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Referências

ALVES-BRITO, A.; PINHEIRO, I. da S.; ALMEIDA, D. H. Os Tehêys Pataxoop e as Belas Palavras Guarani: educação e divulgação de ciências físicas e humanas (com) perspectivas indígenas. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 37-58, 2024.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, [S. l.], n. 11, p. 89-117, 2013.

BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento - Evitando confusões. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BORDINHÃO, K.; VALENTE, L.; SIMÃO, M. dos S. S. **Caminhos da memória**: para fazer uma exposição. Brasília, DF: IBRAM, 2017.

BRANDÃO, E. P. Conceito de comunicação pública. In: DUARTE, J. (Org.). **Comunicação pública**: estado, mercado, sociedade e interesse público. São Paulo: Atlas, 2007.

CARLAN, C. U. Os museus e o patrimônio histórico: uma relação complexa. **História** (São Paulo), v. 27, p. 75-88, 2008.

CASSINO, J. F. O sul global e os desafios pós-coloniais na era digital. In: SILVEIRA, S. A. da; SOUZA, J.; CASSINO, J. F. (Orgs.). **Colonialismo de dados**: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

CASTELFRANCHI, Y.; FAZIO, M. E. Comunicación pública de la ciencia. In: CILAC – Foro Abierto de Ciencias, Latinoamérica y Caribe. **Oficina Regional de Ciencias para América Latina y el Caribe**. Montevideo: Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura, 2021.

COLLINS, P. H. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 6-17, 2017.

COSTA, V. S. **Faz todo sentido biológico?** Mulheres, (homens) e ciências nas textualidades do canal Nerdologia. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

COSTA, V. S.; SILVA, P. I. R. #UbirajaraBelongstoBr: influência e autoridade em prol da divulgação científica e da ciência nacional. In: X ESOCITE.BR, 10, 2023, Maceió. **Anais**. Maceió: Esocite, p. 1-20, 2023.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

CUNHA, M. N. B. da. A exposição museológica como estratégia comunicacional: o tratamento museológico da herança patrimonial. **Revista Magistro**, UNIGRANRIO, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 109-120, 2010.

CURY, M. X. **Exposição**: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005a. 162 p.

CURY, M. X. **Comunicação Museológica**: uma perspectiva teórica e metodológica de recepção. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005b.

CUSICANQUI, S. R. **Un mundo ch'ixi es posible**: ensayos desde un presente en crisis. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón. 2018. 160 p.

DINIZ, S. C.; MANTOVANI, C. M. A humanidade em perspectiva. In: FERNANDES, B. S.; MANTOVANI, C. M.; LIMA, D.; LIMA, D. M.; ANDRADE, K. V.; ARAVANI, M.; VILAÇA, P. L.; DINIZ, S. C. (Orgs.). **demasiado humano - Projeto de renovação (parte 1)**. Belo Horizonte: UFMG/Espaço do Conhecimento UFMG, 2024.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 220 p.

GOMES, M. S.; CASARIN, E. Q.; DUARTE, G. O conhecimento situado e a pesquisa-ação como metodologias feministas e decoloniais: um estudo bibliométrico. **Revista CS**, Cali, n. 29, p. 47-72, 2019.

GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: RIOS, F.; LIMA, M. (Org.). **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, 2009.

JUNIOR, P. D. C.; OVIGLI, D. F. B. O papel dos museus de ciências contra o negacionismo da ciência: o que está em jogo?. In: BRUCK, M.; CARDOSO, M.; SANTOS, M. V. dos. **Dossiê contra o negacionismo da ciência**: A importância do conhecimento científico. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2022. E-book. 280 p.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2019. 104 p.

KUNSCH, M. M. K. **Universidade e Comunicação na Edificação da Sociedade**. São Paulo: Edições Loyola, 1992. 195 p.

LATOUR, B. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 460 p.

LEITE, P. K. A aventura do conhecimento. In: ALMEIDA, M. I.; LEITE, P. K. (Orgs.). **demasiado humano**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 120 p.

LIMA, D. M.; ANDRADE, K. V. Afirmar a existência de muitos mundos. In: FERNANDES, B. S.; MANTOVANI, C. M.; LIMA, D.; LIMA, D. M.; ANDRADE, K. V.; ARAVANI, M.; VILAÇA, P. L.; DINIZ, S. C. (Orgs.). **demasiado humano - Projeto de renovação (parte 1)**. Belo Horizonte: UFMG/Espaço do Conhecimento UFMG, 2024.

MALDONADO-TORRES, N. A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento: modernidade, império e colonialidade. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

MARANDINO, M. A pesquisa educacional e a produção de saberes nos museus de ciência. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12 (suplemento), p. 161-81, 2005.

MARANDINO, M. **O conhecimento biológico nas exposições de museus de ciências**: análise do processo de construção do discurso expositivo. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MARTINO, L. M. S.; MARQUES, A. C. S. A afetividade do conhecimento na epistemologia: a subjetividade das escolhas na pesquisa em Comunicação. **MATRIZes**, São Paulo, Brasil, v. 12, n. 2, p. 217-234, 2018.

MARTINS, L. M. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Editora Cobogó, 2021. 256 p.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

RIBEIRO, R. A.; KAWAMURA, M. R. D. A ciência em diferentes vozes: uma análise de textos de divulgação científica. In: Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências – V Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. **Atas**. Bauru: Abrapac, 2005.

SANTOS, A. B. Somos da terra. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, n. 12, p. 44-51, 2018.

SANTOS, A. B. **Colonização, Quilombos**: modos e significados. Brasília: INCTI/UnB, 2015. 150 p.

SANTOS, C.; MOURA, D. Até quando o outro vai falar por mim? Decolonizando narrativas, coleções e museus. **Anais do Museu Histórico Nacional**, RJ, v. 57, p. 1-20, 2023.

SANTOS, J. P. F. B. dos S.; CAVALLI, J. C. L.; SILVA, W. L.; SILVA, P. G. M.; MOURÃO, C. E.; ANDRADE, K. V.; MAGALHÃES, D. de M. S. Espaço do conhecimento UFMG: diversificação do público por meio do agendamento de visitas escolares. In: Memórias RedPOP 2023: XVIII Congresso da Rede de Popularização da ciência e da Tecnologia para a América Latina e Caribe. **Anais**, 2023: Vozes Diversas: diálogo entre saberes e inclusão na popularização da ciência.

SILVA, R. da. Museus nas universidades ou museus universitários? Uma breve análise comparativa entre o Museu Paulista da Universidade de São Paulo (Brasil), o Pitt Rivers Museum da University of Oxford (Inglaterra) e o Museum of Anthropology da University of British Columbia (Canadá). **Revista CPC**, n. 16, p. 9-35, 2021.

STENGERS, I. **Uma outra ciência é possível**: Manifesto por uma desaceleração das ciências. 1 ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo: 2023. 216 p.

VERGÈS, F. **Decolonizar o museu**: programa de desordem absoluta. São Paulo: Ubu Editora, 2023. 272 p.